

A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970

Flávio Teixeira da Cunha

fnlcunha@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo tem o intuito de trazer questões e suscitar o debate em torno do yoga enquanto prática social. O yoga é uma prática milenar que emergiu com a civilização védica da região do Indu-Saraswatī, na Índia, por volta de 4.500 a.C e teve seus ensinamentos milenares transmitidos através da tradição oral. Ao final dos anos 1960 o yoga foi apropriado pelos movimentos de contracultura ocidentais, levando a uma série de ajustes e readaptações dessa realidade aos moldes ocidentais. Este artigo tem por objetivo dar historicidade ao surgimento dessa prática no Brasil a partir da década de 1960 consolidando-se, e especificamente na cidade de Florianópolis, em 1970.

Palavras-chave: Yoga; Contracultura; Espiritualidade; Florianópolis.

Abstract: This article aims to bring questions and encourage debate around the yoga while a social practice. Yoga is an ancient practice that has emerged with the Vedic civilization of Indus-Saraswati region in India around 4500 BC and had its millenarian teachings transmitted through oral tradition. By the late 1960s the yoga was appropriated by Western counterculture movements, leading to a series of adjustment and readjustment to the reality that western ways. This article aims to give rise to the historicity of this practice in Brazil since the 1960s consolidating itself, and specifically in the city of Florianópolis, in 1970.

Keywords: Yoga; Counterculture; Spirituality; Florianópolis.

The emergence of the Yoga tradition in Florianopolis in the 1970's

Hoje em dia vemos o yoga sendo oferecido em diversos espaços, seja em academias de ginástica ou em centros especializados, nas suas mais variadas vertentes, evidenciando-se uma crescente popularização dessa prática milenar cuja emergência remonta aos primórdios das civilizações que, juntas, viriam a formar o que hoje conhecemos como a Índia.

Desde 2005 ocorre em Florianópolis durante o mês de setembro, o evento conhecido como Semana Municipal de Yoga. Durante esse evento, diferentes centros e espaços oferecem, gratuitamente, diversas atividades, que vão desde palestras, estudos, práticas e vivências de várias vertentes de yoga. Estes acontecimentos, além de proporcionarem o encontro e a troca de experiências dos mais variados grupos de praticantes e estudiosos do



tema, vêm colocando a capital catarinense, neste aspecto, como um dos pólos que servem de referência para a prática de yoga, em nível nacional.

Se o yoga, no entanto, é percebido historicamente como uma prática atribuída aos povos védicos que viveram na região do Indu-Saraswatī, na Índia, por volta de 4.500 a.C., é a partir do final da década de 1960 que ele se expande para o Ocidente através dos movimentos de contracultura. Esses movimentos viram no Oriente uma alternativa de busca por novas formas de vivência, de autoconhecimento, de espiritualidade, em oposição à “cultura do desperdício nos grandes centros urbanos, ao vazio existencial da vida que tem como única medida o ter e esquecendo do ser”¹. A insatisfação ante aos “valores apregoados por uma sociedade moralista, racista, consumista e tecnocrata”² levou multidões de jovens a procurar fugir “dos padrões estabelecidos por essa sociedade, para construir um mundo alternativo com uma ‘cultura’ própria”³. Neste sentido, as filosofias orientais como o budismo e o hinduísmo, em particular o yoga, tiveram forte influência.

A década de 1960 foi bastante significativa e emblemática nos níveis internacional e nacional, não só política como socialmente. De um lado, no cenário internacional, temos os EUA envolvidos com a guerra do Vietnã e os movimentos de protesto, de contracultura, do movimento *hippie*. A França estava vivendo as manifestações estudantis de Maio de 1968. Na Tchecoslováquia, ocorria a Primavera de Praga. Por outro lado, no cenário nacional, o golpe de 1964 e a Ditadura Militar. Começávamos a viver os ‘anos de chumbo, e, em seguida o enrijecimento do governo militar durante os anos 1970. Em meio a tudo isso, o ‘país do futebol’ vive a euforia da conquista do tricampeonato mundial.

José Guilherme Magnani⁴ ressalta que essas manifestações contra os padrões vigentes, apesar de no começo, terem sido mais facilmente identificáveis nos Estados Unidos, rapidamente se espalharam por “praticamente todo o mundo ocidental”. Mas não foi só no campo político que esses movimentos se fizeram presentes. Antonio Carlos Brandão⁵ afirma que essa construção de um mundo alternativo como forma de romper com os “esquemas repressores” aproximou uma grande parcela de jovens e os impeliu a buscar experiências místicas influenciadas pelo pensamento oriental. Aliás, muito antes dos movimentos de contracultura terem descoberto o Zen Budismo e as tradições místicas do Oriente, os *beatniks*

¹ KUPFER, Pedro. *História do yoga*. Florianópolis: Ed. Dharma, 2000, p. 128.

² BRANDÃO, Antonio Carlos, DUARTE, Milton Fernandes. “Estopins de uma década explosiva. Radicalização dos movimentos jovens” In: _____ . *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1994. p. 50.

³ Ibidem.

⁴ MAGNANI, José Guilherme. *O Brasil na Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

⁵ Op.Cit. BRANDÃO, 1994.



de Allen Ginsberg, nos anos 1950, em seus primeiros poemas, já manifestavam sua busca por representações de Deus através da redescoberta e ressignificação do divino.

Na esteira pela busca por novas formas de vivência, de autoconhecimento, de espiritualidade associados aos ideais de contestação dos valores da modernidade, em que esses movimentos ditos ‘alternativos’ voltam seus olhares ao Oriente, é que as tradições do hinduísmo e em especial do yoga emergem.

O contexto brasileiro não foi diferente. No Brasil, esses movimentos encontrarão espaço com o fechamento dos canais de participação e a repressão aos movimentos populares, praticados pela ditadura. “Muitos militantes de organizações de esquerda e participantes dos movimentos de contracultura enveredam por caminhos religiosos e alternativos”⁶.

E Florianópolis? Como a juventude florianopolitana viveu a década de 1970? Como esses movimentos de contracultura influenciaram essa sociedade da época que também vivia neste contexto nacional e internacional? Mais especificamente, será que o yoga que aqui emergiu foi trazido por participantes desses movimentos? O yoga teria sido trazido para cá já na década de 1970 ou ele só teve sua emergência na década seguinte? Os seus precursores tiveram envolvimento com os movimentos de contracultura e posteriormente a Nova Era? Como ocorreu a reconstrução do yoga no Ocidente e, mais especificamente no Brasil e em Florianópolis?

Muito já se falou e muito já se escreveu sobre este tema. Entretanto, ainda percebe-se uma continuidade nos interesses sobre o que tem sido falado e escrito sobre o yoga no Ocidente e as adaptações e transformações que poderiam ter ocorrido nesta prática milenar para que ela pudesse ter sido aceita e incorporada ao estilo de vida ocidental. Não tenho a pretensão aqui de tentar esgotar esse tema, primeiramente por não dispor de todo o conhecimento necessário para tanto e, em segundo lugar, por não ser o objetivo deste artigo, que pretende apenas investigar o contexto em que emergiu o yoga na cidade de Florianópolis e apontar quais os caminhos que ele percorreu até se popularizar e estar sendo oferecido nos mais variados espaços e nas suas diversas vertentes. Além disso, procurarei identificar se houve transformações ou adaptações durante este percurso. Antes de tudo, porém, torna-se necessário conceituar o que é yoga.

De acordo com Georg Feuerstein⁷, a palavra yoga, em um sentido mais estreito, é derivada da raiz verbal sânscrita *yuj*, que significa jungir (unir), cangar (juntar), arrear (prender por arreios). Em um sentido mais amplo, pode ser interpretada como a “união do eu

⁶ Op.Cit MAGNANI, 2000, p. 19-20.

⁷ FEUERSTEIN, Georg. *Uma visão profunda do Yoga: teoria e prática*. São Paulo: Pensamento, 2005.



individual com o Supremo Si Mesmo”⁸ ou ainda como “a restrição dos turbilhões da consciência”⁹. O *Maitrî-Upanishad* (6.25) vai definir yoga como sendo “a unidade da respiração, da mente e dos sentidos, e o abandono de todos os estados de existência”¹⁰. Cabe ainda salientar que em sânscrito, todas as palavras terminadas em “a” curto, como *Shiva*, *Ganesha*, *ásana*, são do gênero masculino, portanto é o yoga, e não a yoga, e pronuncia-se com “o” longo e fechado¹¹.

O que essas definições e conceitos expressam, na verdade, é a idéia de que o yoga é a união entre corpo, mente e espírito; é uma *praxis* que tem como objetivo o autoconhecimento e, em última instância, levar o praticante, ou *yogi*, a atingir um estado de hiperconsciência e de iluminação, estado que os hindus chamam *samádhi*.

Conforme o que diz as palavras de um mantra contido no *Brhadaranyaka Upanishad* I.iii.28 também citado por Feuerstein, o yoga “nos conduz do irreal ao Real, da falsidade à Verdade, do temporal ao Eterno”¹². Seus ensinamentos se deram por milhares de anos, de mestre para discípulo, através da tradição oral chamada *parámpará* até que, por volta do século II d.C., Pátañjali compilou esses conhecimentos no *Yoga-Sûtra*, “que acabou sendo reconhecido como o sistema oficial (*darshana*) da tradição yogue”¹³. Por esta razão é que o *Yoga-Sûtra* de Pátañjali é considerado o Yoga Clássico.

O *Yoga-Sûtra* é composto de 196 aforismos.

Os seus 196 *Sûtras* indicam um caminho de oito membros para se chegar à liberação: *Yama* (conduta ética reguladora da ação), *niyama* (harmonização interior e purificação), *ásana* (postura física), *prāṇāyāma* (exercícios respiratórios), *pratyāhāra* (abstração e interiorização dos sentidos), *dhyāna* (meditação) e *samādhi* (dissolução ou liberação)¹⁴.

A partir daí o yoga se expandiu ao longo dos séculos e novas modalidades foram surgindo, umas mais filosóficas, outras mais espirituais e algumas mais corporais, como por exemplo, o *Hatha-Yoga*, ou “yoga vigoroso”, produto da época medieval que valoriza o

⁸ Vedânta, Apud FEUERSTEIN, Georg. *A tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática*. São Paulo: Pensamento, 1998, p. 36

⁹ Pátañjali. Apud FEUERSTEIN, G., *Ibidem*.

¹⁰ *Maitrî-Upanishad* (6.25). Apud FEUERSTEIN, Georg. *Uma visão profunda do Yoga: teoria e prática*. São Paulo: Pensamento, 2005, p. 38.

¹¹ TACCOLINI, Marcos. *Sobre a grafia da palavra yoga*. Disponível em <http://www.yoganataraja.com.br/artigo_completo.php?id=9> Acesso em 04 de abril de 2008. Apud PEREIRA, Léo Fernandes. *A ocidentalização do Yoga: o perfil dos centros de Yoga de Florianópolis*. 2008. 67p. Para habilitação de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 11.

¹² *Brhadaranyaka Upanishad* I.iii.28. Apud FEUERSTEIN, G. Op. Cit. p. 22.

¹³ FEUERSTEIN, G., Op. Cit. p. 272.

¹⁴ NUNES, Tales da Costa L. *Yoga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência*. O significado da experiência corporal em praticantes de yoga. 2008. 166p. Para dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 50-51.



“desenvolvimento do potencial do corpo, para que este seja capaz de suportar a força e o peso da realização transcendente”¹⁵. O *Hata-Yoga* dá muita ênfase aos *ásanas*, que são as posturas, e ao *pránáyama*, que é o controle da respiração. É através dessa modalidade de yoga que se “inaugura a idéia do corpo como sagrado e como reflexo do cosmo”¹⁶. Começa-se então a se desenvolver a noção de culto ao corpo, de acordo com a afirmação de Mircea Eliade (1996), “Porque o corpo representa o cosmos e todos os deuses, porque a libertação não se pode conseguir senão a partir do corpo, é importante ter um corpo sadio e forte”¹⁷.

Léo Fernandes Pereira¹⁸ alega que é bem provável que essa ênfase que o *Hatha-Yoga* dá ao corpo físico tenha sido justamente o motivo que o levou a ser a vertente que mais tenha se popularizado no Ocidente. Ainda, segundo ele, “no Ocidente o que se tornou mais proeminente foi a atividade mental, o dinamismo, a tecnologia, o som, enquanto no Oriente o que se destacou foi a quietude mental, a receptividade, o silêncio”¹⁹. Essa forma com que o ocidental enxerga o mundo pode ter contribuído de forma ímpar para que tenha havido as adaptações e reapropriações não só do yoga, mas neste caso aqui especificamente dele, e eu me arriscaria até em afirmar adaptações necessárias para que essa cultura tivesse a aceitação e a popularização que teve e que hoje percebemos. Paula Bragaglia²⁰, professora de yoga, declara que, de certo modo, tudo acaba sendo contextualizado e que seria pretensioso demais acreditar que esses conhecimentos milenares pudessem ser transpostos de um lugar para o outro, isentos dessas transformações e adaptações.

Diante disso é que se pode perceber como os movimentos de contestação e recusa aos valores vigentes proporcionados pela sociedade urbana e de consumo, insatisfeitos com o modelo de vida ocidental, tecnocrata e repressor, mesmo tendo encontrado nas tradições orientais uma nova forma de enxergar o mundo, cuja espiritualidade oportunizaria a busca pelo autoconhecimento, ao encontrarem no hinduísmo e, mais especificamente no yoga toda uma filosofia que prega o não-dualismo, o equilíbrio entre mente, corpo e espírito, fazem uma apropriação desses conhecimentos e os adaptam aos moldes ocidentais, primando pelos aspectos corporais proporcionados pelo *Hatha Yoga*.

¹⁵ FEUERSTEIN, G., Op. Cit. p. 66.

¹⁶ FEUERSTEIN, G., Op. Cit. Apud NUNES, T.C.L., Op.Cit., p. 52.

¹⁷ ELIADE, Mircea. *YOGA: Imortalidade e liberdade*. São Paulo: Palas Atena, 1996. p. 174 Apud NUNES, T.C.L., Op.Cit., p. 52.

¹⁸ Op. Cit. PEREIRA, 2008.

¹⁹ PEREIRA, L.F., Op. Cit., p. 23.

²⁰ BRAGAGLIA, Paula. 40 anos. Depoimento, Outubro de 2009, Lagoa da Conceição, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.



Um dos motivos pelos quais as tradições orientais não terem sido bem assimiladas no Ocidente, prevalecendo o culto ao corpo em detrimento da mente, talvez encontre justificativa em Theodore Roszak (1972) quando ele afirma que “os pretensos revolucionários ocidentais sempre estiveram fortemente presos a uma tradição secular militantemente cética. A rejeição do corrupto sistema religioso levava consigo quase automaticamente uma rejeição total de tudo quanto fosse espiritual”²¹.

Camila Reitz²², que também é professora de yoga em Florianópolis, vê com ressalvas essa apropriação e adaptação que o Ocidente fez do yoga, principalmente relacionado a massificação e transformação do yoga em produto para consumo. Por um lado, isso tornou o yoga mais acessível, proporcionando a popularização de sua prática, como ela mesma declara – “eu acho que quanto mais yoga, mais yoga. Assim, quanto mais pizzaria abrir na cidade, mais gente vai comer pizza”²³ – no sentido de que esses espaços proporcionam um primeiro contato e a oportunidade dessas pessoas conhecerem o que é yoga e posteriormente irem em busca de aprimoramento em centros especializados. Por outro lado, sua preocupação volta-se para a falta de preparo de boa parte dos professores que, através de cursinhos de poucos meses acham que já estão prontos para dar aula, o que acaba se transformando em uma coisa muito superficial, quando o yoga na verdade é muito mais do que *ásanas e pránáyámas*. Isso é só a “ponta do Iceberg”.

Retomando o questionamento anteriormente exposto acerca da emergência da prática de yoga na capital catarinense, diversos depoimentos convergem com pesquisa feita por Pereira em 2008. Na década de 1970, dois discípulos do mestre Swami Servananda trouxeram o yoga para Florianópolis: Dalva Arruda, falecida em meados da década de 1980 e Jóris Marengo, hoje filiado ao Método DeRose.

Naquela época, Florianópolis ainda era uma cidade muito pequena tanto em número de habitantes quanto em espaço territorial e não possuía as características de uma metrópole, como de certa forma, não possui atualmente em termos de capital do estado. Mesmo assim, já havia a emergência de grupos que se intitulavam alternativos, grupos que estavam ‘anteados’ com os acontecimentos do resto do país e do mundo. Esses grupos estavam insatisfeitos principalmente com o modelo de sociedade proveniente do capitalismo, uma sociedade

²¹ ROSZAK, Theodore. Cap. IV Jornada ao Oriente... E mais além: Allen Ginsberg e Alan Watts. Cap. V “O infinito de imitação: o uso e abuso da experiência psicodélica” In: _____. *A contracultura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 145.

²² FELIPE, Camila Reitz. 36 anos. Depoimento, Setembro de 2009, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina, p. 10.

²³ Ibidem.



consumista e tecnocrata, excludente, situação ainda mais agravada em função da ditadura militar imposta a partir do golpe de 1964.

Contra o sistema representado por esse modelo de sociedade, é que vão emergindo grupos como os *hippies*, com suas atitudes, suas roupas extravagantes e seus cabelos compridos. Além deles os artistas, o movimento estudantil, cada vez mais engajado em protestos políticos contrários à ditadura, e logicamente aquele grupo de pessoas que foi buscar nas práticas orientais e hindus sua forma de elevação espiritual e como projeto de autoconhecimento. Cacau Menezes (2009) afirma que “nossas tatuagens, nossos cabelos grandes, nossos chinelos, nossas calças bocas de sino, nossa música, nosso comportamento, isso era uma forma de gritar por liberdade, era uma forma de se manifestar contra o *status quo*, contra o *stablischment*”²⁴.

Neste aspecto, o yoga vem ao encontro dessas expectativas, proporcionando, segundo Pereira (2008), “buscar através de uma experiência íntima do Ser humano a (sua) natureza”²⁵. Menezes (2009) ainda complementa dizendo que “a contracultura teve várias tribos dentro dela, o yoga foi mais uma tribo que chegou para se integrar a esse movimento”²⁶.

Édio Nunes, em depoimento, coloca:

Acho que a transformação social ditada a partir do final dos anos 1960, 1968, estava criando uma dimensão muito forte. O mundo passava a ser outro a partir do início dos anos 1970, final dos anos 1960, sem dúvida alguma. Alguns aderindo intensamente às alterações que o mundo estava sofrendo, e outros segmentos confrontando e reprovando aquele novo mundo que se apresentava a partir dali.²⁷

Para Sandra Meyer, “esses anos 1970 marcam várias mudanças comportamentais nas artes, no jeito de ser, no jeito de namorar, no jeito de pensar o casamento. A gente pode abrir esse leque, acho que de uma forma bem ampla”²⁸.

Diante deste contexto é que o yoga está inserido, como bem observa Nunes (2008) quando ele diz que “o Yoga está inserido, no Ocidente, dentro do que chamamos de campo alternativo. Esse campo teve sua origem, e esteve associado a ideais de contestação dos valores da modernidade”²⁹. Neste sentido, Florianópolis não foi diferente, muito pelo

²⁴ MENEZES, Cláudio de (Cacau). 54 anos. Depoimento, Novembro de 2009, Morro da Cruz, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina, p. 11.

²⁵ PEREIRA, L.F., Op. Cit., p. 22.

²⁶ MENEZES, C. Op. Cit., p. 10.

²⁷ Depoimento dado ao documentário Ilha 70, exibido no programa Santa Catarina em Cena, pela emissora RBS no mês de Abril de 2010.

²⁸ Depoimento dado ao documentário Ilha 70, exibido no programa Santa Catarina em Cena, pela emissora RBS no mês de Abril de 2010.

²⁹ NUNES, T.C.L., Op.Cit., p. 6.



contrário. O movimento de contracultura esteve muito presente em Florianópolis já no começo da década de 1970 com os ideais dos *hippies*, contrários à sociedade de consumo representada pelo modelo estadunidense do *american way of life*. Eles trouxeram do Oriente a medicina alternativa, a acupuntura e, é claro, o yoga.

Como vimos, desde que o yoga foi ‘descoberto’ pelo Ocidente na segunda metade da década de 1960 até nossos dias, ele precisou passar por um certo processo de adaptação para ser amplamente aceito e difundido em meio ao público ocidental, que prioriza um estilo de vida mais dinâmico e voltado ao tecnológico, que valoriza o corpo, razão pela qual o yoga é hoje encontrado em diversos espaços especializados nas suas diversas vertentes, como também em academias de ginástica. Para Bragaglia (2009), “não precisa seguir a tradição mesmo como era na base, mas quanto mais você se distanciar dela, mais você perde o princípio de que yoga é aquietar a mente. *Yogas citta-vritti nirodha*, Pátañjali. Yoga é aquietar os turbilhões da mente, esse o princípio”³⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fund. Getúlio Vargas, 1998.

ABRIL, Editora. *O Yôga como caminho do autoconhecimento*. Principais trechos do bate-papo com o mestre DeRose, da Universidade de Yôga, no dia 17 de Agosto de 2000. Disponível em: <<http://bonsfluidos.abril.com.br/aberto/chat/0800/a.shtml>>. Acesso em 20/10/09.

BRANDÃO, Antonio Carlos, DUARTE, Milton Fernandes. “Estopins de uma década explosiva. Radicalização dos movimentos jovens” In: _____. *Movimentos culturais de juventude*. São Paulo: Moderna, 1994. p. 36-59.

CAMPBELL, Joseph. “A Índia antiga” In: _____. *As máscaras de Deus: mitologia oriental*. Palas Athena, 1996. p. 123-194.

CARNEIRO, Sandra de Sá. “Estilos de vida no contexto do universo Nova Era” In: ALMEIDA, M. Isabel Mendes de; NAVES, Santuna (orgs.) *Por quê não? Rupturas e continuidades da contracultura*. São Paulo: 7 Letras, 2007. p. 85-105.

³⁰ BRAGAGLIA, Paula. 40 anos. Depoimento, Outubro de 2009, Lagoa da Conceição, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina, p. 15.



D'ANDREA, Anthony Albert Fischer. *O self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

DEROSE, L.S.A. *Yôga a sério*. São Paulo: DeRose Editora, 2008, 4.ed.

_____. *O que é o método DeRose*. São Paulo: DeRose Editora, 2009.

DURANT, Will. “Os alicerces da Índia” In: _____. *Nossa Herança Oriental*. Rio de Janeiro: Record, 1963. p. 263-296.

FEUERSTEIN, Georg. *Uma visão profunda do Yoga: teoria e prática*. São Paulo: Pensamento, 2005.

_____. *A tradição do Yoga: história, literatura, filosofia e prática*. São Paulo: Pensamento, 1998.

GAARDNER, Jostein et alii. “Religiões com origem na Índia” In: _____. *O livro das religiões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005. p. 43-83.

KUPFER, Pedro. *História do yoga*. Florianópolis: Ed. Dharma, 2000.

_____. *Superstição e Yoga: o lado visível do iceberg*. Publicado originalmente nos Cadernos de Yoga. Disponível em:

<<http://www.yoga.pro.br/artigos.php?cod=851&secao=3047>>. Acesso em 20/08/09

LAVILLE, Chrisitan; DIONNE, Jean. “Do problema à hipótese” In: _____. *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. p. 83-127.

MAGNANI, José Guilherme. *O Brasil na Nova Era*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MALUF, Sônia Weidner. *Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era* [2005]. Ilha - Revista de Antropologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, v. 7, nº 1 e 2. Florianópolis: UFSC/PPGAS, 2005. p. 147-161.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NUNES, Tales da Costa L. *Yoga: do corpo, a consciência; do corpo à consciência*. O significado da experiência corporal em praticantes de yoga. 2008. 166p. Para Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PEREIRA, Léo Fernandes. *A ocidentalização do Yoga: o perfil dos centros de Yoga de Florianópolis*. 2008. 67p. Para habilitação de Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ROSZAK, Theodore. Cap. IV Jornada ao Oriente... E mais além: Allen Ginsberg e Alan Watts. Cap. V “O infinito de imitação: o uso e abuso da experiência psicodélica” In: _____. *A contracultura*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972. p. 131-182.

TARDAN-MASQUELIER, Ysé. *La Réinvention du yoga par l'occident*. Tradução Mauren Pavão Przybylski. Paris: Études, 2002/1, Tome 396, p. 39-50. Disponível em: <<http://www.cairn.info/article.php>>. Acesso em 13/06/2008.



WATTS, Alan. “O que é realidade? O perfume das amêndoas torradas” In: _____. *A cultura da contracultura: os transcritos editados*. São Paulo: Fissus, 2002. p. 45-65; 85-109.

Across the Universe. Direção de Julie Taymor. Produção Matthew Gross, Suzanne Todd e Jannifer Todd. Elenco: Evan Rachel Wood, Jim Sturgess, Joe Anderson. Inglaterra: Columbia Pictures, 2007, (133 min.), color, DVD.

Caminhos do yoga. Direção de Daisy Rocha e Tereza Freire. Brasil: Produção Terra Comunicação. Co- Produção Pólo de Imagem. (50 minutos), color, DVD.

Ilha 70. Roteiro e Direção: Marcos Martins e Loli Menezes. Direção de Produção: Renato Turnes. Coordenação do Santa Catarina em Cena: Anselmo Prada. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. (44 min.), son., color. Realização: RBS TV.

The Story of India. Direção: Jeremy Jeffs. Produtora: Rebeca Dobbs. Apresentação: Michael Wood. London: Maya Vision International Ltd., BBC, 2007 (59 min.) son., color., DVD.

FONTES - ENTREVISTAS

BRAGAGLIA, Paula. 40 anos. Depoimento, Outubro de 2009, Lagoa da Conceição, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

FELIPE, Camila Reitz. 36 anos. Depoimento, Setembro de 2009, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

LUENEBERG, José Luiz (Ito). 55 anos. Depoimento, Abril de 2010, Sambaqui, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

LUZ, Valter José da. 70 anos. Depoimento, Abril de 2010, Centro, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

MARTINS, Nildo José. 57 anos. Depoimento, Novembro de 2009, Ingleses, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

MENEZES, Cláudio de (Cacau). 54 anos. Depoimento, Novembro de 2009, Morro da Cruz, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

WOLTER, Elaine. 63 anos. Depoimento, Maio de 2010, Campeche, Florianópolis. Entrevistador: Flávio Cunha. Acervo do Laboratório de Ensino de História Oral, da Universidade Federal de Santa Catarina.

*** Recebido em 10 de julho de 2012. Aceito para publicação em 29 de outubro de 2012.**

